



PRAÇA EUFRÁSIO CORREIA

O nome dessa praça evoca o parnanguara Manoel Eufrásio Correia, formado em Direito no Recife, promotor público, deputado provincial, presidente da Assembléia, além de chefe de polícia de Santa Catarina e, finalmente, presidente da província de Pernambuco.

Remonta ao final do século dezenove o desenvolvimento da área urbana ao sul da atual Rua XV de Novembro, estabelecendo-se a Praça Eufrásio Correia como núcleo dinamizador da cidade, a partir da construção da Estação Ferroviária. A inauguração em 1885 da ferrovia, unindo Curitiba ao Porto de Paranaguá, concorreu decisivamente para a transformação dos arredores da estação, que foram sendo ocupados por instalações industriais e de comércio exportador. As primeiras indústrias atraídas para aquela área foram as de erva-mate - na época, o principal produto de exportação do Paraná, seguidas por fábricas, de barrica para acondicionamento da erva-mate - de cerveja, sabão, fósforos, além de moinhos e armazéns. Com a dinamização da área, não só pelas atividades econômicas mas principalmente pela movimentação de passageiros, assume a praça o papel de principal ponto de encontro da cidade; e a antiga Rua da Liberdade, hoje Barão do Rio Branco, unindo a praça ao centro tradicional, a função de principal artéria urbana, sendo nesta implantada a estação de bondes. É na gestão de Cândido de Abreu, na última década do século XIX, que o "Largo da Estação", com seus 11.500m², consolida-se como o novo centro político e comercial da cidade, com a construção da sede para a Assembléia Provincial no lado oposto ao da Estação Ferroviária e a concessão de licença municipal à instalação, na praça e nos seus arredores, de diversos tipos de comércio, como quiosques, botequins, bilhares e restaurantes. Os principais estabelecimentos comerciais atraídos para a área foram, porém, os hotéis, a maioria pertencente a alemães e italianos, e dedicados à hospedagem de imigrantes, comerciantes e políticos.

Ligaram-se à memória da praça e da cidade, hotéis como o Johnscher, o Brotto, o Delmira dos Santos, o Paraná, o Rio Branco, o Roma e o Tassi. O desenvolvimento do transporte rodoviário, a transferência da Assembléia para o Centro Cívico e, finalmente, a construção em outro local, da Estação Rodo-ferroviária, foram os fatores que, sucessivamente, marcaram o fim do papel polarizador da Praça Eufrásio Correia. Se não possui mais a efervescência da época em que os principais acontecimentos ali ocorriam, como atestam as fotografias do início deste século, manteve porém a mesma escala urbana com a sobrevivência dos edifícios que balizavam seus limites: a Casa Emílio Romani, a oeste; a antiga Assembléia, ao norte; a seqüência de sobrados, a leste, e finalmente a antiga Estação Ferroviária ao sul. Desapareceram os quiosques metálicos, onde se vendiam refrescos, rapaduras e passarinhos, mas permaneceu o chafariz de ferro importado da França. E ganhou, como um dos principais atrativos, "O semeador", a mais bela das esculturas da artista paranaense Zacco Paraná, presente oferecido em 1922 à cidade pela colônia polonesa. Na vegetação sobressaem os plátanos que no outono, quando sua folhagem ganha os diversos tons do marrom e do castanho, contribuem para conferir-lhe o título de mais bonita praça da cidade. ✿



LOCALIZAÇÃO: ENCONTRO DA RUA BARÃO DO RIO BRANCO COM A AVENIDA DE SETEMBRO - CENTRO.

PROPRIETÁRIO: MUNICÍPIO DE CURITIBA.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 02/85. INSCRIÇÃO Nº 16. LIVRO DO TOMBO ARQUEOLÓGICO, ETNOGRÁFICO E PAISAGÍSTICO.
DATA: 26/08/1985.

BIBLIOGRAFIA: ARANTES, AIMORÉ ÍNDIO DO BRASIL, BRUNETTI MARCELO CORRÊA, MORENO, MARTA SOBARZO, WALBACK. REGINA "PESQUISA HISTÓRICA", IN O SÍTIO DA PRAÇA EUFRÁSIO CORREIA, TEXTO DATILOGRADO, FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DO PARANÁ, CURITIBA, 1985.





PRAÇA JOÃO CÂNDIDO "BELVEDERE" E RUÍNAS

No século XVIII, no ponto mais alto da cidade, os franciscanos iniciaram a construção do seu convento, mas não chegaram a concluí-lo.

Restam hoje, apenas, ruínas de algumas paredes, de alvenaria pedra, permanecendo, também, na denominação do local - Alto de São Francisco - a referência à presença da Ordem Franciscana. Até o início do século vinte ainda existia a capela, único elemento do conjunto franciscano que chegou a ser concluído. A precariedade do seu estado físico levou à decisão de demoli-lo decidindo o prefeito, engenheiro Cândido de Abreu, construir no local um "Belvedere", já que daquele ponto descortinava-se toda a cidade.

Inaugurada em 1915, essa edificação, por expressar uma arquitetura de evidente influência art nouveau, foi projetada, tudo leva a crer, pelo próprio prefeito, responsável por duas obras da mesma época marcadas pelo mesmo estilo - o antigo Paço Municipal e a antiga residência da família Camargo. Depois de permanecer sem uso por alguns anos, foi cedido à União Cívica Feminina, entidade beneficente que ali tem sua sede. Entre as ruínas do convento franciscano a prefeitura municipal, aproveitando a conformação topográfica da praça e o "cenário" das ruínas, implantou um pequeno anfiteatro, com assentos em alvenaria de tijolo.

Compõe-se a praça de uma área trapezoidal, gramada, com algumas árvores de porte, tendo como atrativo principal as ruínas de paredes de alvenaria de pedra, com um vão de porta completo, que correspondia, provavelmente, à entrada da igreja conventual. O outro elemento arquitetônico significativo, o antigo "Belvedere", é edificação de dois pavimentos, de alvenaria de tijolo, com cobertura de telhas francesas, implantada na extremidade leste da praça.

O aspecto mais importante dessa casa é a solução plástica que transmite, com graça e equilíbrio, o traço art nouveau, principalmente na composição das varandas, na forma dos vãos e no desenho fitomorfo dos ornamentos em massa, ressaltados nos paramentos da fachada, e nos guarda-corpos recortados em madeira. Dos elementos arquitetônicos dispostos nas ruas que circundam a praça merecem referência o Palácio São Francisco e o edifício neoclássico onde funciona a Sociedade Garibaldi, ambos tombados pelo Patrimônio Estadual.

A denominação da praça é uma homenagem ao lepeano João Cândido Ferreira (1864-1948), médico, escritor e político, que chegou à presidência da província do Paraná.



LOCALIZAÇÃO: ALTO DO SÃO FRANCISCO.

DATA DE CONSTRUÇÃO: RUÍNAS DO CONVENTO FRANCISCANO: SÉCULO XVIII; "BELVEDERE": 1915-16.

AUTOR DO PROJETO: O "BELVEDERE" É ATRIBUÍDO AO ENGENHEIRO CÂNDIDO DE ABREU.

PROPRIETÁRIO: MUNICÍPIO DE CURITIBA.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 14/66. INSCRIÇÃO Nº 14. LIVRO DO TOMBO ARQUEOLÓGICO, ETNOGRÁFICO E PAISAGÍSTICO. DATA: 20/01/1966.

BIBLIOGRAFIA: AMARAL, RAQUEL. PROFESSOR JOÃO CÂNDIDO, IN GAZETA DO POVO, 7/12/1972.

ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ. LYRA, CYRO CORRÊA. ANÁLISE ARQUITETÔNICA E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE PAULA. IN: RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO: DOIS SÉCULOS DE HISTÓRIA E MITO. CURITIBA: VR.BV. BAPTISTA, 2004, p.72-76.





PRIMEIRA SEDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

No dia 19 de dezembro de 1912, em sessão solene, a Assembléia Legislativa estadual instalou a Universidade do Paraná, decidindo então o governo do estado alugar essa casa para, provisoriamente, abrigar sua sede. Já no ano seguinte ali começam a funcionar os cursos de Ciências Jurídicas e Sociais, Engenharia, Odontologia, Farmácia e Comércio. Com a conclusão, em 1914, da sede própria, passa esse sobrado a abrigar maternidade destinada ao ensino prático de obstetrícia. Em 1930 é transferida, sendo inaugurado no local o Instituto da Criança. Dez anos depois a universidade deixa a casa, retornando essa a sua primitiva função comercial.

A importância cultural desse sobrado diz respeito ao fato de ter sido a primeira sede da Universidade Federal do Paraná. Arquitetonicamente não apresenta particular interesse, situando-se como um dos anônimos exemplos de sobrados de alvenaria de tijolo - comércio embaixo, residência em cima - implantado na testada, colado às divisas laterais, que compuseram o cenário edificado de Curitiba do século passado. ✿



LOCALIZAÇÃO: RUA COMENDADOR ARAÚJO, 268.

DATA DA CONSTRUÇÃO: FINAL DO SÉCULO XIX.

PROPRIETÁRIO: PARTICULAR.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 55/74.

INSCRIÇÃO Nº 54. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO.

DATA: 06/03/1975.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.





RESERVATÓRIO DO ALTO SÃO FRANCISCO



LOCALIZAÇÃO: RUA JAIME REIS, ESQUINA COM RUA DOS PRESBÍTEROS.

DATA DA CONSTRUÇÃO: 1904.

PROPRIETÁRIO: COMPANHIA DE SANEAMENTO DO PARANÁ - SANEPAR.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO N° 01/90. INSCRIÇÃO N° 97. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 10/04/ 1990.

O primeiro reservatório hídrico de Curitiba resultou de um contrato assinado em 13 de abril de 1904 entre o estado do Paraná e a Companhia de Melhoramentos de São Paulo. Além do reservatório com capacidade para 6.881 m³ de água, abrangeu o contrato a construção de uma adutora com 40km de extensão, desde o ponto de captação nos mananciais da Serra do Mar até a cidade, “entre a Estrada da Graciosa e a linha de estrada de ferro do Paraná”, além das redes de distribuição de água e de esgotos sanitários. As edificações protegidas pelo tombamento compreendem a casa de manobras e o chafariz, concluídos dois anos depois da assinatura do contrato. A casa de manobras, construída em alvenaria de tijolo sobre embasamento de pedra, expressa em sua arquitetura o ecletismo da época, reunindo na composição simétrica, elementos clássicos como o frontão triangular. As pilastras, capitéis e cornijas possuem soluções formais influenciadas por um “pré-modernismo” como o vão em arco pleno, interrompido por colunas, e os ornamentos de desenho geométrico executados em massa.

O chafariz obedece a um tipo de composição tradicional. Na base, oitavada, destacam-se quatro bacias semicirculares, de pedra, para recolhimento da água. Sobre esse octógono ergue-se um pedestal cônico, curvilíneo, sobre o qual assenta-se uma grande bacia circular de alvenaria ornada com baixos-relevos sob a forma de pétalas.

Complementa o chafariz uma pequena torre oitavada adornada com golfinhos em alto-relevo. O tombamento, além dessas edificações, abrange também os jardins, cercados por gradis de ferro e pilastras de alvenaria, com desenho de nítida inspiração art nouveau. 🌿





RESIDÊNCIA JOÃO LUIZ BETTEGA

Projetada em 1953 para moradia de João Luiz Bettega, a casa n.º 479 da rua da Paz é um dos primeiros e mais significativos exemplares da arquitetura moderna de Curitiba. Seu autor, o arquiteto João Batista Vilanova Artigas, nascido em Curitiba em 1915, foi um dos fundadores do Instituto dos Arquitetos do Brasil e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Após seu falecimento, foi criada em 1985 uma fundação com o seu nome, com o objetivo de preservar e divulgar sua obra. Em 1º de dezembro de 1997, a Fundação Vilanova Artigas manifestou seu apoio às iniciativas de proteção da Residência João Luiz Bettega como patrimônio histórico e urbano da cidade de Curitiba por ter sido "(...) é uma das primeiras em que Artigas fez uso da circulação em rampas e pavimentos em meios níveis, articulados pelo pé-direito duplo da sala. Esse partido compreende as características mais marcantes de sua obra posterior, inclusive de edifícios públicos, como é o caso do projeto da FAUUSP".

A preservação deste imóvel revelou-se de fundamental importância para o patrimônio do Paraná, devido ao fato de ser um marco histórico inovador na concepção arquitetônica no âmbito estadual e federal. É significativo o fato dessa casa integrar a relação de imóveis de arquitetura moderna que a Prefeitura Municipal de Curitiba pretende proteger como referências históricas do período de renovação da linguagem arquitetônica da cidade, iniciado na década de 1960. 🌿



LOCALIZAÇÃO: RUA DA PAZ, 479

PROPRIETÁRIO: PARTICULAR.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 006/99. INSCRIÇÃO Nº 145. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 17/12/2003.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.

XAVIER, ALBERTO. ARQUITETURA MODERNA EM CURITIBA.

SÃO PAULO: PINI; CURITIBA: FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 1985.







SEDE DO CENTRO ACADÊMICO HUGO SIMAS

Em 11 de agosto de 1931 foi fundado o Diretório Acadêmico de Direito, um mês após a publicação no Diário Oficial de lei que regulamentou as representações universitárias, na chamada segunda república, no bojo da reforma que passou para a história brasileira como "Reforma Francisco Campos". A possibilidade de possuir uma sede própria surgiu em 1949, por ocasião do leilão deste imóvel, promovido pela Caixa Econômica Federal, e frustrado por falta de licitantes. Candidata-se então o Centro Acadêmico à sua aquisição, o que se concretiza no ano seguinte.

Depois de consagrar-se historicamente por uma intensa participação política, o Centro Acadêmico é proibido, durante o regime militar, de atuar em questões alheias às do ensino, enfrentando, então, grave crise, que culmina com a desocupação do prédio e sua locação para sustento da entidade, em situação economicamente alquebrada.

Como edificação, esse sobrado é um modesto exemplar da arquitetura dos anos 30 do século passado. ✿



LOCALIZAÇÃO: RUA MARECHAL FLORIANO, 524 - CENTRO.

DATA DA CONSTRUÇÃO: DÉCADA DE 30 DO SÉC XX.

PROPRIETÁRIO: CENTRO ACADÊMICO HUGO SIMAS.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO N° 02/90
INSCRIÇÃO N°98, LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO.

DATA: 11/04/1990.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVO DO CENTRO ACADÊMICO
HUGO SIMAS, PASTA 1949-1951 BOLETIM DA CASA
ROMÁRIO MARTINS N° 57, PP.38, AGOSTO DE 1981.
POLINARI, MARCELLO. PARECER INTERNO DA CURADORIA
DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO PARANÁ.





SOBRADO NA RUA BARÃO DO RIO BRANCO Nº 763

Assim como as edificações vizinhas, ele foi construído quando a Praça Eufrásio Correia, à sua frente, constituía-se no mais movimentado logradouro da cidade devido à presença da Estação Ferroviária.

Destinava-se o pavimento térreo ao comércio e, o sobrado, à moradia do proprietário e de sua família. Casa assobradada de alvenaria de tijolo, construída na divisa frontal e colada nas laterais, representa o ecletismo arquitetônico de inspiração neo-clássica. Possui partido simétrico cujo eixo é marcado pela porta principal, balcão gradeado e respectiva porta. Pilastras ladeiam esse conjunto axial e arrematam os extremos laterais da casa. Uma platibanda de alvenaria, guarnecida por jardins de massa na prumada das pilastras, coroa a fachada, ocultando a cobertura de duas águas em telhas francesas. A casa possui um puxado lateral à esquerda, com um portão largo, de um pavimento apenas, coberto por terraço, que se destinava, provavelmente à entrada de carros. 🌿



LOCALIZAÇÃO: RUA BARÃO DO RIO BRANCO, 763 - CENTRO.

PROPRIETÁRIO: PARTICULAR.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº02/85. INSCRIÇÃO Nº 82.

LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 12/07/1985.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.





SOBRADO NA RUA BARÃO DO RIO BRANCO Nº 773

No conjunto de casas erguidas na antiga Rua da Liberdade, diante da Praça Eufrásio Correia, essa é sem dúvida a mais expressiva, tendo sido originariamente um estabelecimento industrial, como muitos dos que se instalaram na área devido à proximidade da Estação Ferroviária.

Colado às divisas laterais e sem recuo frontal esse sobrado de alvenaria de tijolo exemplifica a arquitetura eclética, com vocabulário de influência neoclássica. O centro da composição é grifado por um corpo ligeiramente avançado em relação ao paramento da fachada, abrangendo dois pares de portas, no térreo e no andar superior. Valorizam esse ressaltado o balcão sustentado por modilhões e o frontão triangular ao nível da platibanda. No térreo os seis vãos de porta possuem arco de plena volta, sendo o par de aberturas central com arcos mais trabalhados e de maior diâmetro. No andar superior os vãos apresentam verga reta ornamentada com sobreverga em forma de frontão, curva nas duas portas abertas para o balcão e reto nos pares de janelas que compõem o restante da fachada. Platibanda com pequenas aberturas guarnecidas por balaustres arremata a composição e oculta a cobertura em duas águas, de telhas francesas. ✿



LOCALIZAÇÃO: RUA BARÃO DO RIO BRANCO, 773 - CENTRO.
DATA DA CONSTRUÇÃO: 1904-1906.
PROPRIETÁRIO: PARTICULAR.
TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 02/85.
INSCRIÇÃO Nº 83. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO.
DATA: 12/07/1985.
BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.



SOBRADO NA RUA BARÃO DO RIO BRANCO Nº 805

O afluxo de imigrantes para Curitiba, que desembarcavam na Estação Ferroviária, motivou a instalação de muitos hotéis nas suas proximidades, dirigidos em sua maioria por italianos e alemães. O antigo Hotel Roma é exemplo desses estabelecimentos, sendo seu nome um sugestivo convite a imigrantes contemporâneos do seu proprietário.

É um sobrado de alvenaria de tijolo, com três pavimentos, construído à frente do lote e colado às divisas laterais. Foi profundamente alterado, tendo perdido os principais elementos ornamentais de sua fachada, o balcão suportado por modilhões com um par de portas, sobreposto à portada inicial, os jarros de massa da platibanda, as cornijas, os ressaltos de emolduramento dos vãos e as esquadrias de madeira.

A estrutura permanece inalterada, porém fazendo com que ele, mesmo empobrecido dos seus antigos adornos, continue volumetricamente a compor o conjunto de edificações assobradadas que fecham a face leste da Praça Eufrásio Correia. ✿



LOCALIZAÇÃO: RUA BARÃO DO RIO BRANCO, 805 - CENTRO.
PROPRIETÁRIO: PARTICULAR.
TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 02/85. INSCRIÇÃO Nº 84.
LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 12/07/1985.
BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DO PARANÁ.



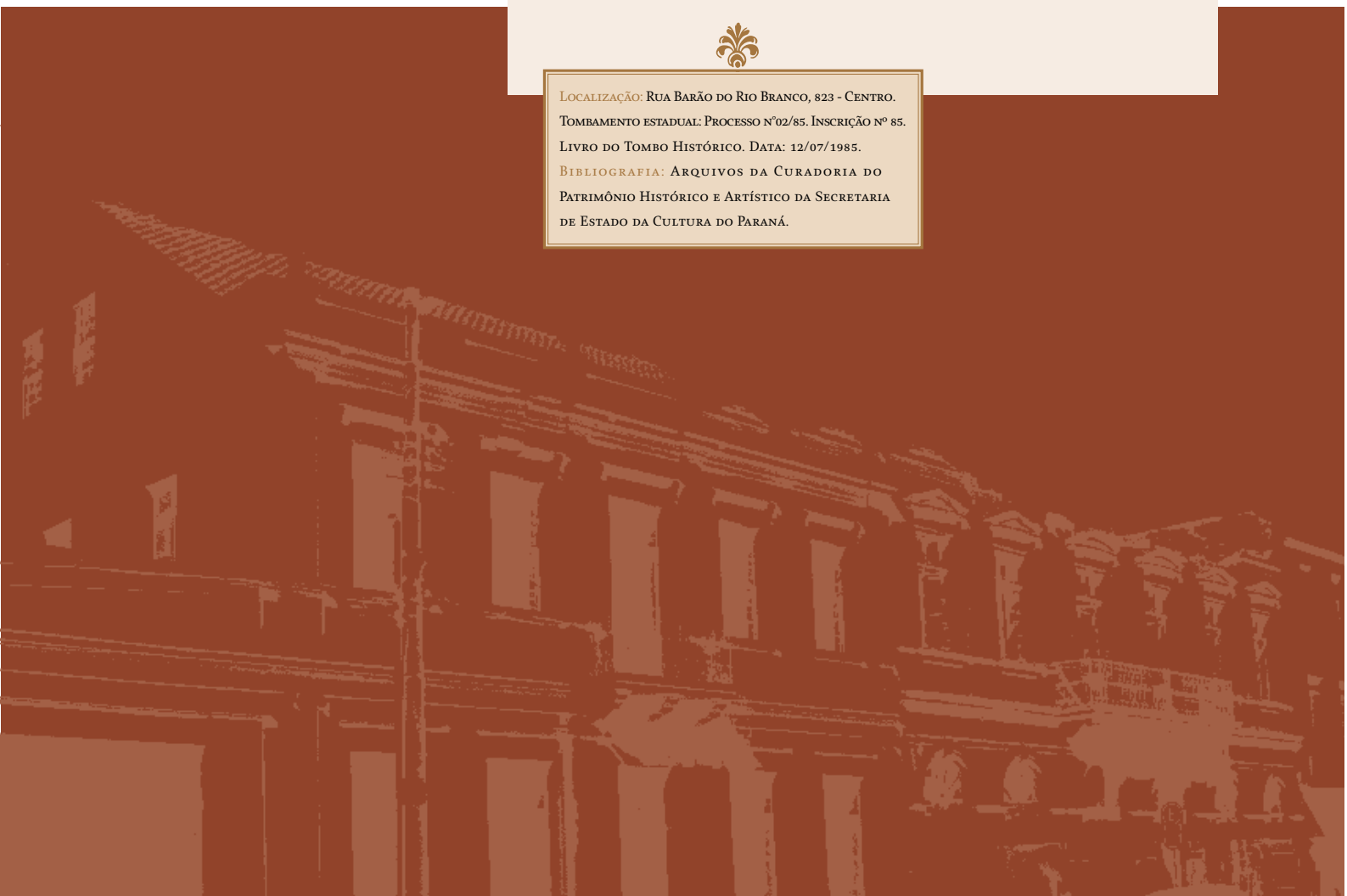
SOBRADO NA RUA BARÃO DO RIO BRANCO Nº 823

Originariamente essa casa era térrea. No início deste século foi ampliada com a sobreposição de mais um andar, passando a abrigar o Hotel Tassi, um dos inúmeros estabelecimentos atraídos pela demanda de hospedagem na época em que, diariamente, toda sorte de viajantes, principalmente imigrantes, chegavam, de trem, a Curitiba.

Edificação de esquina, de alvenaria de tijolo e cobertura de telhas francesas, sem recuo e colada às divisas laterais, o mais extenso dos sobrados que compõem o conjunto arquitetônico da face leste da Praça Eufrásio Correa. Arquitetura eclética, tendo nas cornijas em massa, nas aberturas guarnecidas por balaústres da platibanda e nos ressaltos sobrepostos aos vãos seus principais adornos. 🌿



LOCALIZAÇÃO: RUA BARÃO DO RIO BRANCO, 823 - CENTRO.
TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº02/85. INSCRIÇÃO Nº 85.
LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 12/07/1985.
BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO
PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA
DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.





SOCIEDADE BENEFICENTE GARIBALDI

Em 1º de julho de 1883 foi fundada, por um dos principais grupos étnicos que imigraram para a região de Curitiba — os italianos — a Società Italiana di Mutuo Socorso Giuseppe Garibaldi. Quatro anos depois, em terreno doado pelo município, teve início a construção da sede, concluída em 1904. Os espaços externos foram terminados mais tarde: a escadaria nos dois anos seguintes e, em 1908, os muros. Em 1932, para comemorar o cinquentenário da sociedade, foram feitas algumas reformas no interior segundo projeto do arquiteto João de Mio.

O rompimento de relações diplomáticas do Brasil como os países do Eixo fez com que, em 1942, fosse desapropriada, só retornando à comunidade 20 anos depois, abrigando durante esse período as seguintes entidades: Liga de Defesa Nacional, Centro de Letras do Paraná, Centro de Cultura Feminina, Academia de Letras e Tribunal de Justiça do Estado. Por ocasião da devolução da sede, passou a associação à denominação atual: Sociedade Beneficente Garibaldi.

Exemplifica sua arquitetura o ecletismo de expressão neoclássica, aqui presente na forma de implantação, no partido da composição e no vocabulário arquitetônico. Implantada no lado mais alto da praça, soerguida em um platô, dispõe a sua frente de escadaria, ligando o portão de entrada ao átrio, que contribui para lhe conferir a monumentalidade própria do estilo.

Na composição, a simetria, típica do classicismo, é marcada pela centralização do edifício em relação ao terreno e pela marcação do eixo da fachada, materializado pelo frontão triangular sobreposto à seqüência, de três vãos, repetida nos dois pavimentos. O repertório ornamental neoclássico, executado em massa, é completado pela platibanda com coruchéus, cornijas, sobrevergas, vãos em arco pleno guarnecidos de bandeiras, muro adornado com balaústres e com aparelho à bossagem. Destaca-se ainda, pela qualidade artesanal o portão de ferro com desenho fitomorfo. A disposição do espaço interno também é marcada pela simetria, que só não é seguida integralmente devido à alteração do projeto original.

Externamente a casa também sofreu modificações, através de ampliações, nos fundos, do prédio original. ✿



LOCALIZAÇÃO: PRAÇA GARIBALDI, 12 - ALTO DE SÃO FRANCISCO.

DATA DA CONSTRUÇÃO: 1904.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 003/87, INSCRIÇÃO Nº 88.

LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 29/01/1988.

BIBLIOGRAFIA: ARANTES, AIMORÉ I. B., LAUTERT, JOSÉ LUIZ SCHÜNEMANN, JARBAS. TEXTO DE INFORMAÇÃO DO "PROJETO DE TOMBAMENTO" DATILOGRAFADO, COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL, CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO PARANÁ DA SECRETARIA DA CULTURA, CURITIBA, 1987.





SOLAR DO BARÃO DO SERRO AZUL

Essa casa, construída em 1885, pelos engenheiros italianos Angelo Vendramin e Batista Casagrande, pertenceu a Ildefonso Correia, Barão do Serro Azul, empresário e político de grande prestígio no Império. Durante os 10 anos em que foi habitada pelo barão e sua família, reuniram-se também em seus salões os principais personagens do cenário político não só em saraus e bailes como também para discussão de problemas relativos ao comércio da madeira e da erva-mate.

Seu assassinato em 1895, juntamente com o de outros políticos, após a derrota da Revolução Federalista, motivou a saída de sua família, passando o palacete a ser ocupado pelo 5º Distrito Militar. Em 1912 foi, finalmente, adquirido pelo Exército, permanecendo com sua posse até 1975, quando, através de permuta, foi transferido ao domínio do município de Curitiba. As adaptações a que foi submetida a casa, na primeira metade do século XX, não chegaram a descaracterizá-la. Mais recentemente, porém, passou o palacete por uma reforma radical com a eliminação das pilastras, capitéis, cimalhas e requadros das fachadas, culminando com a aplicação de um reboco chapiscado. Sua restauração se deu ao passar à propriedade municipal, através de obra realizada por operários da Prefeitura sob a direção do arquiteto Cyro Corrêa de Oliveira Lyra.

Baseado em documentação iconográfica com elementos remanescentes, o projeto possibilitou a reconstituição das fachadas e o restabelecimento dos espaços internos. Algumas pinturas de tetos e paredes puderam ser também restauradas, sob a orientação da restauradora Maria Ester Teixeira Cruz.

Sem dúvida, o mais imponente dos sobrados de residência de Curitiba. Implantado à frente do terreno, mas recuado das divisas laterais, sua entrada é feita pelo lado. As inúmeras modificações sofridas ao longo deste século apagaram a maior parte dos sinais do uso original dos espaços internos, reconhecendo-se apenas, pelo tratamento dos tetos, as salas de visita e de reuniões sociais, dispostas à frente da casa. A composição da fachada segue o ecletismo de vocabulário neoclássico. Nas fachadas da frente e lateral direita os vãos, nos dois primeiros andares, são em arco pleno e, no último, retangulares e dotados de sobreverga em forma de frontão triangular. A fachada principal é sublinhada pelas sacadas corridas que guarnecem os vãos nos dois andares superiores e coroada por cimalha. Pilastras da ordem jônica de fuste com caneluras, frontões de sobreverga, denticulados sob a cimalha, modilhões sob a sacada inferior e aparelho à bossagem na fachada do térreo compõem o vocabulário neoclássico da ornamentação externa. A casa do lado direito, também eclética, faz parte do conjunto tombado pertencente ao município. Edificação contemporânea ao palacete, é térrea, dotada porém de porão alto. Vãos em arco pleno, sacadas com guarda-corpo de ferro e platibanda ornamentada com jarros expressam tratamento arquitetônico também de inspiração clássica.



Embora arquitetonicamente inexpressivos, integram ainda o conjunto tombado os pavilhões construídos pelo Exército à esquerda e aos fundos. Valoriza o conjunto o portão de entrada, à direita do palacete, composto por pórtico em alvenaria com arco de plena volta e ressaltado por pilastras toscanas e cimalhas. Um portão de ferro trabalhado guarnece o vão. ✿



LOCALIZAÇÃO: RUA CARLOS CAVALCANTI, 533 - CENTRO.

DATA DA CONSTRUÇÃO: 1885.

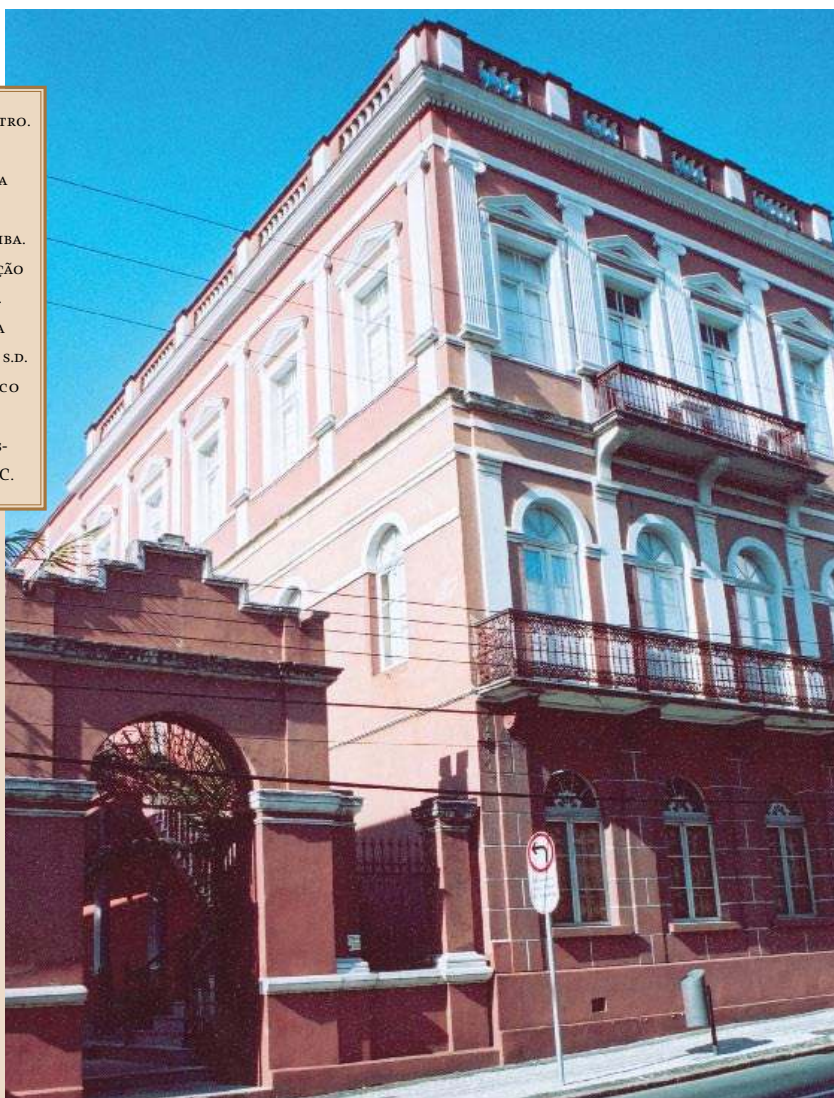
AUTOR DO PROJETO: ANGELO VENDRAMIN E BATISTA CASAGRANDE.

PROPRIETÁRIO: PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 63/77. INSCRIÇÃO Nº 62. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 06/03/1978.

BIBLIOGRAFIA: CORREIA, MARLY GARCIA. PESQUISA PARA A COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL, S.D. BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO ETNOGRÁFICO PARANAENSE, VOL. V, FASCÍCULO 314/1951.

LYRA, CYRO CORRÊA DE OLIVEIRA, PROJETO DE RESTAURAÇÃO DO SOLAR DO BARÃO, ARQUIVO DO IPPUC.



TEATRO GUAÍRA

A história da ação do estado, em prol do desenvolvimento da atividade teatral no Paraná, inicia-se em 1884, com a inauguração do Theatro São Theodoro situado na Rua Nova, atual Dr. Muricy. Durante a Revolução Federalista (1893 -1895), as atividades do teatro foram suspensas e suas instalações utilizadas como prisão. Na primeira década do século XX, o teatro foi re-inaugurado com o nome de Teatro Guayrá, sendo, porém, demolido em 1935.

Em 1952, iniciaram-se as obras de construção de um novo teatro segundo projeto do engenheiro Rubens Meister. Três anos depois, no dia 19 de dezembro foi inaugurado o primeiro auditório, batizado de Salvador de Ferrante. Somente 20 anos depois deu-se a inauguração do grande auditório – Bento Munhoz da Rocha Netto.

O Teatro Guaíra inclui-se no contexto das obras realizadas em Curitiba, por ocasião das comemorações do centenário da emancipação política do Paraná, vindo a compor, juntamente com a Biblioteca Pública, o Centro Cívico, a Praça Dezenove de Dezembro e o Colégio Estadual, um dos mais importantes conjuntos arquitetônicos da cidade.

O tombamento do Teatro Guaíra constitui-se no ato do reconhecimento da qualidade arquitetônica de sua concepção, de sua importância como espaço para as atividades cênicas, e de seu valor histórico como um dos marcos simbólicos comemorativos dos 150 anos de emancipação do Paraná, além de se constituir, indiretamente, no reconhecimento da contribuição de Rubens Meister na construção da moderna arquitetura paranaense. Embora engenheiro civil por formação, Meister dedicou-se sempre ao projeto arquitetônico, a partir de uma visão racionalista em que é nítida a influência da escola funcionalista européia. O projeto do Guaíra exemplifica o funcionalismo modernista, através do partido plástico adotado: um jogo acentuado de volumes prismáticos estabelecido em função do programa de usos e de inter-relacionamento. O elemento formal mais destacado é a caixa do palco do grande auditório, cujo perfil parabólico faz contraponto com os prismas retangulares do foyer e do auditório.

As fachadas são compostas por panos de vidro, paredes cegas de concreto armado e “foyer” sobre pilotis revestido de mármore, elementos característicos da linguagem do modernismo. Possui três salas de espetáculos, em um espaço que totaliza 16.900m²: o Bento Munhoz da Rocha com capacidade para 2.173 lugares; o Salvador de Ferrante (Guairinha) com 504; e o Glauco Flores de Sá Brito com 113 lugares. O foyer possui pé-direito duplo com mezaninos e escadas helicoidais. Na entrada principal, voltada para a Praça Santos Andrade, destaca-se o painel em alto relevo de autoria do grande artista curitibano Poty Lazzarotto, já falecido. 🌸



LOCALIZAÇÃO: PRAÇA SANTOS ANDRADE
DATA DA CONSTRUÇÃO: 1952/ 1972
AUTOR DO PROJETO: RUBENS MEISTER
TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 006/01. INSCRIÇÃO Nº 147, LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 18/12/2003.
BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.







TEATRO 13 DE MAIO

Até o final da década de 1970 funcionava nesse prédio uma indústria de confecções de roupa, a Malharia Curitibana. Depois de dez anos sem uso a edificação foi alugada pela Prefeitura Municipal de Curitiba para ali instalar a Fábrica do Samba, espaço disponibilizado às escolas de samba que não dispunham de quadras próprias para a realização dos ensaios carnavalescos.

Em julho de 1982 passou a funcionar no prédio o Teatro da Classe, que congregava um grande número de atores sob a liderança do ator, diretor e produtor José Maria Santos. No dia 10 de maio de 1986 foi criado o Teatro 13 de Maio, ainda sob a direção do mesmo grupo teatral. Em 1988 o Governo do Estado do Paraná tombou o imóvel e, no ano seguinte, o desapropriou.

Em 11 de setembro de 1991, a casa foi rebatizada, através de lei aprovada pela Assembléia Legislativa do Estado, recebendo o nome de Teatro José Maria Santos, numa justa homenagem ao ator paranaense que entrou para a história da cultura do seu estado como um dos grandes incentivadores do teatro.

As características plásticas da composição de sua cobertura revelam a função industrial que determinou a construção do prédio. É um telhado em dente de serra, devido à compartimentação da cobertura em cinco meias águas que permitiam através dos sheds a iluminação zenital do interior da fábrica. De sua origem industrial restou também, como testemunho, a chaminé disposta no terreno, na extremidade da edificação. ✿



LOCALIZAÇÃO: RUA TREZE DE MAIO, 655.

PROPRIETÁRIO: GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 005/87.

INSCRIÇÃO Nº 90, LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 26/05/1988.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.



